

O animal, a desumanização e a identidade em *A paixão segundo G.H.*

Stephanye Beatriz Padovani Barbosa (PIC/UEM), Evely Vânia Libanori (Orientadora), e-mail: lieveorama@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / CCH-DTL - Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias.

Letras - Literatura Brasileira

Palavras-chave: Estudos Animais, Clarice Lispector, Poética Animal

Resumo:

Clarice Lispector (1920-1977) estreou no universo literário em 1943 com a obra *Perto do coração selvagem*. Até hoje sua produção literária é alvo de estudos no que diz respeito à identidade das personagens e construção narrativa. Essa pesquisa tem como foco as personagens principais em sua relação com os animais. Os animais são o “outro” das personagens, aquele com quem o ser humano está existencialmente implicado. Por isso, as personagens pensam a ontologia animal como forma de pensar a condição humana. Os animais, em Clarice, não são apenas comuns metáforas. Na obra *A paixão segundo G.H.*, a personagem denominada G.H. promove reflexões com vistas a pensar o contraste humano/animal por meio do pequeno vivente encontrado em seu apartamento: a barata. Este inseto será o outro que se apresentará à personagem e que será indispensável por carregar em si toda sua importância enquanto ser. A barata, por meio de seu olhar, levará a mulher a vivenciar o que pode ser chamado de “nudez temporal” — aquilo que dela retira o presente e a transpõe mentalmente a outros tempos e lugares. Este inseto encaminhará a personagem a tempos primordiais, onde seres humanos e baratas conviviam, juntos, em cavernas. É por intermédio deste pequeno ser que, ademais, a personagem irá questionar o processo de humanização, que significou o esquecimento da animalidade humana. Nesta obra, a animalidade é vista como conteúdo sagrado: a personagem prova, na boca, o gosto da barata, o que significará o fim da busca por si mesma.

Introdução

Clarice Lispector, em sua obra *A Paixão Segundo G.H.*, traz à vida uma personagem que, para maioria dos seres humanos, causa extremo asco. A barata, este pequeno inseto é, porém, presença constante nesta obra clariceana.

Neste livro, a barata não é apresentada como uma metáfora. Ela é o outro que se apresentará à personagem G.H. e mais que apenas uma representação ou uma ideia, é por meio desta alteridade animal que a personagem encontrará sua própria identidade. É apenas com o contraste humano/animal por meio do aparecimento deste ser, existente há mais de 300 milhões de anos, que G.H. achará a identidade de sua vida mais profunda: “Era isso era isso então. É que eu olhara a barata viva e nela descobria a identidade de minha vida mais profunda” (LISPECTOR, 1979, p. 57).

Materiais e métodos

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que visa à interpretação do texto literário. Inicialmente, foram estudados os textos teóricos para extrair deles os momentos que mais interessam à pesquisa. Destes textos, os principais teóricos utilizados se configuram: John Berger (2003), com sua obra *Sobre o olhar*, que traz consigo arte e crítica no que concerne ao olhar animal; Jacques Derrida (2002), com seu livro *O animal que logo sou*, onde expõe sua visão filosófica sobre o não humano; Georges Bataille (1953), em seu escrito *Le passage de l'animal à l'homme et la naissance de l'art*, onde transcreve sua valorosa percepção acerca dos seres humanos viventes na pré-história e, por fim, Benedito Nunes (1973), com sua publicação *O animal e o primitivo: os outros de nossa cultura*, onde aborda a historicidade entre os animais e nossas culturas anteriores.

Em seguida, foram destacados os momentos textuais na obra *A paixão segundo G.H.* em que o animal não humano tem importância como figura literária e como veiculador de conteúdo filosófico.

Após, chegou então o momento da análise dos dados, ou seja, o texto literário de Lispector foi examinado à luz de um conhecimento teórico específico. A análise conduziu à etapa seguinte, que é a de interpretação. A interpretação foi o momento em que os textos literários mostraram as possibilidades de sentido. Depois da interpretação, procedemos à apresentação dos resultados obtidos na pesquisa.

Resultados e Discussão

O animal em *A paixão segundo G.H.*, tem seu lugar de importância. É por meio de olhar-se pelo animal e se ver olhada por ele, que a personagem G.H. experimenta, não a nudez física que experimentou Derrida diante de sua gata em: “Porém, antes mesmo dessa identificação, ele vem a mim como este vivente insubstituível que entra um dia no meu espaço, nesse lugar onde ele pôde me encontrar, me ver, e até me ver nu.” (DERRIDA, 2002, p. 26), mas a nudez temporal, aquela que retira da personagem o presente e a transpõe mentalmente a outros tempos e lugares. G.H. relata: “A passagem estreita fora pela barata difícil (...) e terminara, também eu toda

imunda, por desembocar por meio dela para o meu passado que era o meu contínuo presente e o meu futuro contínuo” (LISPECTOR, 1979, p. 61).

A barata levará a personagem por esta passagem aos primordiais tempos, onde homens e baratas conviviam, juntos, em cavernas. Georges Bataille (1953), filósofo, sociólogo, autor e antropólogo francês traz, em *Le passage de l'animal à l'homme et la naissance de l'art*, o fato de que os homens pré-históricos negavam o ser humano em benefício da animalidade. Como que bebendo desta fonte, então, retorna G.H. a tempos onde a não humanização seria não apenas comum, mas preferível. Ela retornará a tempos onde humanos e baratas conviviam juntos em cavernas, onde não havia a superioridade do ser humano sobre o animal e onde retornariam a si os traços perdidos de animalização. G.H. rompe a distinção do que é comumente concebido como superior ou inferior. Ela transpõe a grande barreira, o limite abissal do humano que traz Derrida (2002), em sua obra *Sobre o olhar*.

Para Clarice, o humano, a identidade real, não é distanciar-se do animal, mas se aproximar dele. A personagem G.H. só achará a si mesma quando, por meio do olhar animal da barata, se aproximar deste outro não humano. É a partir do olhar deste outro que, somente animalizando-se a personagem encontrar-se-á — prova-se isso com trechos da obra: “Era isso era isso então. É que eu olhara a barata viva e nela descobria a identidade de minha vida mais profunda.” (LISPECTOR, 1979, p. 53), ou ainda “Com o desmoronamento de minha civilização e de minha humanidade — o que me era um sofrimento de grande saudade — com a perda da humanidade, eu passava orgiacamente a sentir o gosto da identidade das coisas.” (LISPECTOR, 1979, p. 69).

Conclusões

Por meio do estudo realizado, pode-se afirmar que a autora não deixou de se importar e retratar os outros não humanos que cercavam as personagens. A autora representou os animais sempre respeitando-os em suas identidades e individualidades. Clarice, em suas obras, não caracteriza os animais com traços humanos, porém, em muitos momentos, a autora prefere abrir mão da humanização de suas personagens a fim de animalizá-las. Para ela, tornar-se animalizado não é algo ruim, mas, ao contrário, seria um ato necessário para que se possa encontrar uma identidade profunda e real. A autora rompe com os conceitos que ditam ser o humano superior aos animais.

Agradecimentos

O projeto possibilitou-me entender e conhecer a pesquisa acadêmica — me sinto enriquecida sobre isso. Não poderia ter esperado ou pedido uma orientadora mais qualificada e atenciosa. Aprendi muito em todo este ano de projeto e tenho que, por fim, deixar meus agradecimentos à minha

orientadora, que aceitou me orientar neste PIC, e à Universidade Estadual de Maringá pela oportunidade de crescimento.

Referências

BATAILLE, Georges. **Le passage de l'animal à l'homme et la naissance de l'art**. 1953. Republicado em BATAILLE, Georges. *CEuvres complètes*. Paris: Gallimard.v. 12, p. 100-115.

BERGER, John. **Sobre o olhar**. Trad. Lya Luft. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2003.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. Trad. Fábio Loanda. São Paulo: Unesp, 2011.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009a.

NUNES, Benedito. O animal e o primitivo: os outros de nossa cultura. In: MACIEL, Maria Esther (Org.). **Pensar/escrever o animal**: ensaios de zoopoética e biopolítica. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.